

Instituto Sedes Sapientiae
Curso de Pedagogia Simbólica Junguiana
1º Ano
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
3º Ano
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
6º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Resumo da 32ª Aula: 26.11.2015

Os mitos são expressões arquetípicas e profundamente simbólicas que orientam o desenvolvimento da consciência individual e coletiva. O Mito do Buda constela os arquétipos da Anima, do Animus, da Alteridade, do Herói e da Totalidade para a Consciência atingir a sexta e a sétima etapas do desenvolvimento individual e cultural.

Nascido, possivelmente, em oito de abril de 563 AD, em Lumbini, no Nepal, ao norte da Índia, Sidarta Gautama era filho do Rei Suddhodana, líder do clã Shakya, cuja capital era Kapilavastu, e da Rainha Maha Maya, que era uma princesa Kolyan. Sidarta quer dizer “aquele que atinge os seus objetivos”. Ao engravidar, sua mãe sonhou que um elefante branco com seis presas brancas e uma flor de lótus nas costas, entrou em seu ventre por sua axila direita. A seguir, ela foi carregada por deuses para o cume dos Himalaias.

Seguindo a tradição, a rainha viajou para sua casa paterna para a criança nascer, mas, a caminho, passando por Lumbini, deu à luz. **Acometida de febres, faleceu, e sua irmã mais nova, Mahapajapati, criou o nenê.**

O Arquétipo do Herói expressa uma função estruturante que assessora o papel transformador do Arquétipo Central e dos quatro arquétipos regentes que são o Matriarcal, o Patriarcal, a Alteridade, (a Anima, o Animus) e a Totalidade. Desta maneira, a imagem do herói traz características transformadoras extraordinárias que comovem o Self Individual e Cultural. Uma delas é o sonho premonitório, como este da Rainha, que tem conotações grandiosas e milagrosas, ilustradas pelo símbolo do elefante branco com seis presas brancas e uma flor de lótus nas costas, entrando no seu corpo.

Desde o início de sua constelação, o Arquétipo do Herói traz características do Arquétipo Regente que ele melhor representará na atuação transformadora do Arquétipo Central. A luz intensa do palácio do Rei Suddhodana atraiu o eremita Asita que, ao ver a criança, predisse que ela seria ou um grande Rei Chakeratin, guerreiro como seu pai, ou um homem santo. Essa predição mostrou que Sidarta realizaria sua função heroica sob dominância patriarcal (o guerreiro) ou de Alteridade e totalidade (o santo).

A educação de Sidarta sofreu a influência desses arquétipos. O príncipe recebeu no palácio toda a influência do Arquétipo Matriarcal com seus cuidados sensuais que se estenderam às atividades lúdicas, artísticas e eróticas e a influencia patriarcal que incluíram o exercício esmerado das artes marciais e das competições performáticas. Sidarta era muito sensível e dotado e se distinguiu em todas elas.

Como parte dessa educação, quando Sidarta fez 16 anos, o Rei Suddhodana arranjou seu **casamento com Yashodhara**, que deu à luz ao príncipe Rahula.

Devido às características de sensibilidade e introversão de Sidarta, que fazem parte lendária das tradições, o Rei afastou seu filho do sofrimento presente na sociedade. Estava claro que o Rei sentia que o sofrimento e o aprofundamento espiritual do filho poderiam afastá-lo das tradições patriarcais familiares para a busca religiosa.

Aos 29 anos, Sidarta saiu do palácio à noite e conheceu a velhice, a doença e a morte, as três grandes causas do sofrimento humano. Ele se recusou a simplesmente vivê-los e decidiu buscar como evitá-los.

O sofrimento humano é a grande causa da fixação e da formação da Sombra, que, na Psicologia Simbólica Junguiana, abrange o crime no Direito, a doença na Medicina, o pecado na Teologia, a devastação na Ecologia, a miséria e a exploração na Economia e o mal na Filosofia. A decisão de Sidarta de buscar evitar o sofrimento da doença, da velhice e da morte foi ontológica e renunciou sua devoção heroica aos Arquétipos da Alteridade e da Totalidade, para proteger o Ser de todas as limitações que causam a sua distorção e o seu sofrimento. Dessa maneira, era preciso que Sidarta ampliasse sua função afetiva para abranger a totalidade do sofrimento. Essa ampliação heroica da função afetiva trouxe para Sidarta o culto da **função estruturante da compaixão**, aquela que é capaz de abrir a afetividade para todo o sofrimento e os males da vida. Essa ampliação foi também vivida por Jesus.

Ao sair mais e mais do palácio e entrar no mundo, Sidarta conheceu **a velhice, a doença, a morte e o ascetismo** da vida espiritual para delas desapegar.

O ascetismo da Índia estabeleceu muitas formas de exercer o desapego material pela dominância patriarcal, muitas das quais, baseadas na meditação, nos exercícios de Yoga, mas também na abstinência e até mesmo, no jejum extremo. Assim aconteceu que Sidarta, ao sair do palácio e desapegar do matriarcal e do patriarcal vividos no luxo da corte, assumiu o ascetismo tradicional da Índia como monge mendicante.

É importante perceber, que ao assumir o ascetismo, **Sidarta desapegou do matriarcal e do patriarcal da vida palaciana, mas continuou apegado ao patriarcal na rigorosa abstinência alimentar da tradição mística ascética.** Continuando sua busca, seguiu o ensinamento de dois grandes professores eremitas, Alara Kalama e Udaka Ramaputta. No entanto, isto não lhe foi suficiente e ele foi adiante com um grupo de 5 companheiros, liderados por Kaundinya Sidarta mergulhou na automortificação por um jejum radical e quase morreu. Ele atingiu o estado meditativo de jhana, um estado concentrado e focado, feliz e abençoado, mas quase morreu de inanição e, por isso, sentiu que precisava ir além.

Possivelmente, nessa vivência, Sidarta descobriu que tinha esgotado o desapego último à posição insular matriarcal, à custa de **um apego extremo à posição polarizada patriarcal que era incompatível com a vida.** Esse foi **o grande momento heroico de transgredir a tradição ascética patriarcal do misticismo hindu e assumir o caminho do meio, com a posição dialética de alteridade.** Nesse drama, Sidarta teve o *insight* do “caminho do meio” e recebeu arroz e leite da camponesa Sujata. Assim, descobriu como ultrapassar a autoindulgência (dominância matriarcal) e a automortificação (dominância patriarcal) e atingiu a consciência dialética de alteridade, ao praticar, pela meditação, o caminho do meio. Devido a essa mudança, ele foi abandonado por seus cinco companheiros e julgado um “indisciplinado”.

Sozinho, meditando sempre e seguindo o caminho do meio, Sidarta finalmente sentou-se para meditar sob a Árvore de Bodhi (*ficus religiosa*) em Bodh Ghaya e jurou não mais se levantar até haver encontrado a iluminação espiritual, o que aconteceu 49 dias depois, aos 35 anos. A partir de então, ficou conhecido por seguidores como Buda, que em *páli* significa “o desperto, o iluminado, o que compreendeu o que sabe”. Dois dos grandes ensinamentos do Budismo provenientes do seu exercício do caminho do meio e do Arquétipo de Alteridade foram **a abolição do sistema de castas e a predisposição para a busca do Nirvana de todos os seres humanos e não somente daqueles pertencentes à casta dos Brahmanes.**

Baseado nas posições evolutivas arquetípicas da consciência, durante as sete etapas da vida, concebidas pela Psicologia Simbólica Junguiana, podemos imaginar que ao passar a meditar no caminho do meio, Sidarta ultrapassou definitivamente o apego à posição insular matriarcal e à posição polarizada patriarcal e pode expressar plenamente a função estruturante da compaixão e, assim, conceber todas as funções estruturantes normais como fonte das fixações que levam ao sofrimento, à frustração, à Sombra e ao Mal. Por isso, Sidarta foi chamado Sakiyamuni, o sábio entre os Shakya.

Ao atingir plenamente a consciência dialética de alteridade e perceber que o Bem e o Mal, o prazer e a dor, a saúde e a doença, a juventude e a velhice, a vida e a morte, são inseparáveis, sua jornada heroica **desapegou-se também da alteridade** (6ª fase da vida) e **passou a vivenciar plenamente o Arquétipo da Totalidade**, com o desapego de todo o Samsara, o mundano e circunstancial do nascimento até a morte, e **a descobrir o Nirvana, com a liberdade do vazio, da eternidade, do infinito e da paz.**

Ao terminar esta aula, **peço-lhes se concentrarem na meditação para experimentarmos o vazio, a eternidade, o infinito e a paz e vislumbrar o que foi o caminho percorrido por Sidarta Gautama, para atingir o Nirvana e se tornar Buda.**

Peço-lhes relerem os capítulos XI, XIII e IX do livro Psicologia Simbólica Junguiana e se prepararem para o tema da nossa última aula sobre o Mito de Édipo.

Boa noite a todos,

Byington

PSICOLOGIA SIMBÓLICA JUNGUIANA AS SETE FASES DA VIDA

1ª FASE: Intrauterina

Arquétipo Central
Arq. Patriarcal Ativo (Self Cultural)

2ª FASE: Primeira Infância (0 - 2 Anos)

Arq. Matriarcal Passivo
Arq. Patriarcal Ativo (Self Familiar)

3ª FASE: Segunda Infância (2 - 12 Anos) – 1ª Metanoia

Arq. Matriarcal Passivo
Arq. Patriarcal Passivo
Arq. do Herói Passivo

4ª FASE: Adolescência (12 – 20 Anos) – 2ª Metanoia

Arq. Matriarcal Ativo Inicial
Arq. Patriarcal Ativo Inicial
Arq. Anima / Animus Passivos
Arq. do Herói Passivo
Arq. de Alteridade Passivo

5ª FASE: Adulta (21 - 40 Anos) – 3ª Metanoia

Arq. Matriarcal Ativo
Arq. Patriarcal Ativo
Arq. Alteridade (Anima e Animus) Ativos
Arquétipo do Herói Ativo

6ª FASE: Maturidade (41 – 60 Anos) – 4ª Metanoia

Arq. de Alteridade Ativo
Arq. Anima e Animus Ativos

Dom. Matriarcal ←  → Dom. Patriarcal

Arquétipo do Herói Ativo
Segunda Adolescência

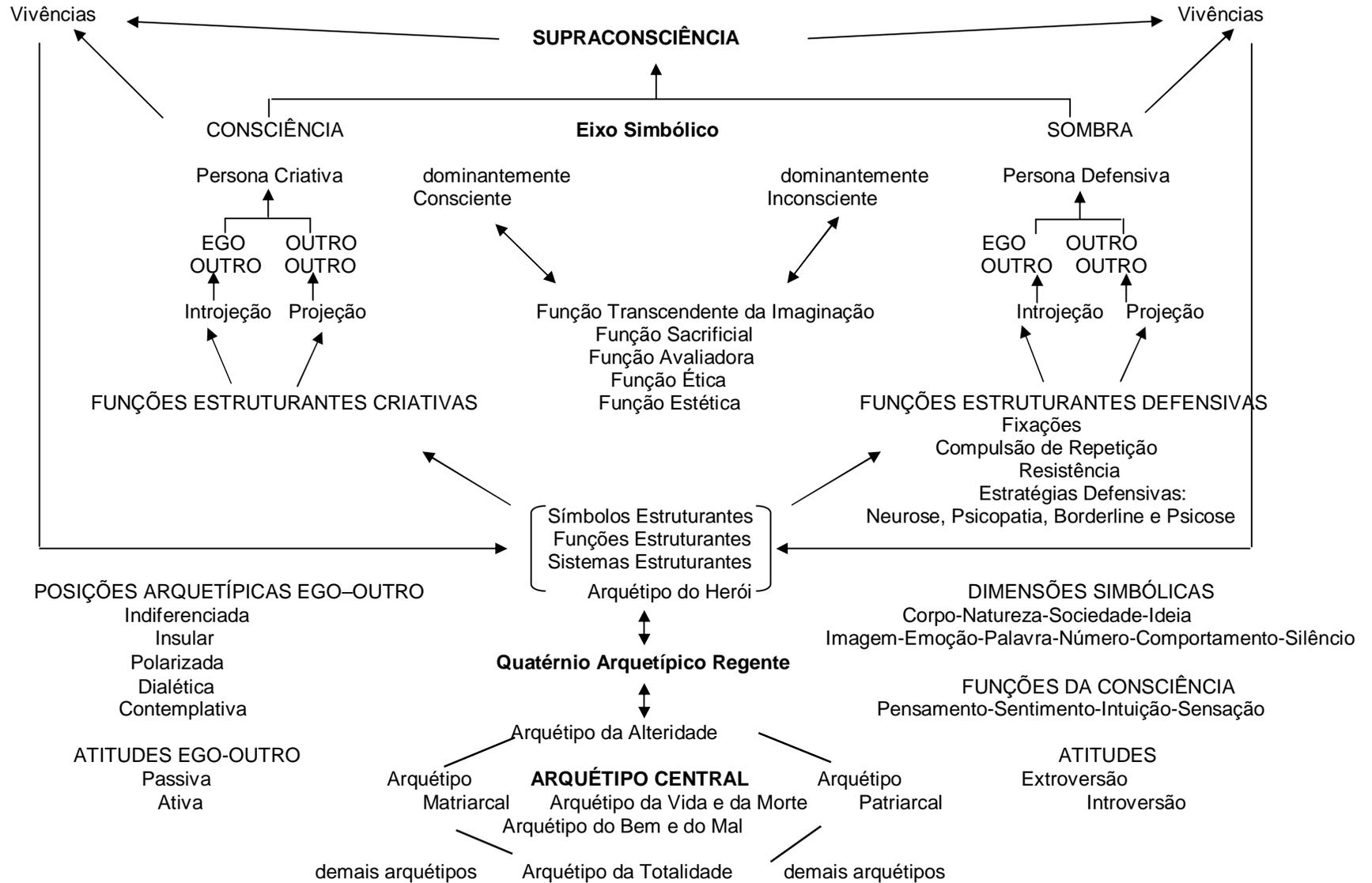
7ª FASE: Terceira Idade (Acima dos 60 Anos) – 5ª Metanoia

Arquétipo da Totalidade

Desapego Existencial / Conjunção Cósmica

**O ARQUÉTIPO CENTRAL E O ARQUÉTIPO DA VIDA E DA MORTE
ESTÃO PRESENTES EM TODAS AS FASES**

PSICOLOGIA SIMBÓLICA JUNGUIANA
ESTRUTURA E DINÂMICA DO SELF
Processo de Elaboração Simbólica



demais arquétipos

Arquétipo da Totalidade

demais arquétipos